**REFLEXO E REFLEXÕES DO NARRADOR-PERSONAGEM EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H. DE CLARICE LISPECTOR**

Roberto Robson de Almeida

Graduando/Pedagogia Cap/UERN, robertornrg@gmail.com

Sebastiana Alves Nogueira

Graduanda /Letras Cap/UERN, [tiana\_alves@outlook.com.br](mailto:tiana_alves@outlook.com.br)

**RESUMO**

O presente artigo intitulado ”Reflexos e reflexões do narrador-personagem em a Paixão Segundo G. H. de Clarice Lispector, tem por objetivo analisar as nuances sofridas na perspectiva do narrador-personagem no desenrolar do romance, bem como o trato do reflexo e das reflexões psicológicas vivenciadas pelo narrador, na busca do reconhecimento do seu eu interior, mediante a sistematização imposta pelo meio social. Através de uma pesquisa de cunho descritivo-interpretativo e no respaldo teórico de Nunes (1989), Sá (1979) e Junior (2009). Nos embasamos para compreender a função do narrador dentro da narrativa do romance em questão, bem como identificando aspectos que caracterizem essa presença demarcado na trama, assim como as questões psicológicas.

**Palavras chaves:** Narrador. Reflexões. Psicológico. Romance.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O romance “a paixão segundo G. H”, representa uma época onde o modernismo se instaurava no brasil e ganhava ramificações e gerações, retratando tanto aspectos regionais como humanos, aspectos esses abordados pela autora. Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920, porém logo muita cedo mudou-se para o brasil onde por decisão dos pais mudou de nome, passando de Haia para Clarice. Naturalizada brasileira viveu entre os estados de Alagoas, Pernambuco e Rio de janeiro, onde começou aos 19 anos de idade sua produção literária com o conto “Triunfo”. Casando-se com um Diplomata, amigo de turma do curso de direito, viajou por diversos países por onde residiu por certo tempo. Separada e com dois filhos, Lispector, vivendo nos Estados Unidos, decide voltar ao brasil, morando no Rio, escrevendo uma literatura intimista e humanizada, bebendo da influência modernista brasileira da época, criou diversas obras literárias, sendo “ a paixão segundo G. H.” uma das obras de maior representatividade da autora. Terminou seus dias no rio, vindo a falecer em 9 de dezembro de 1977.

Na era medieval, grandes contadores de estórias, contavam suas fabulações em volta da fogueira para entretenimento e espanto de alguns, tendo em vista que essas fabulações tinham um teor imagético muito grande, bruxas, dragões, espíritos e todo um mundo mítico, além de ser recontada, toda uma simbologia fazia parte do cotidiano real, se tornando mais que uma mera ficção.

Mais a frente na idade média, as fabulações ganham corpo, dando espaço para as estórias escritas. Os livros com prosas poéticas, ganham estatutos de luxo para os grandes da realeza, como reis, rainhas e príncipes, trazendo estórias sobre o grande império da época, além de forte influência religiosa, e monárquica, demarcando os dogmas e preceitos clássicos.

Más, diante do movimento romancista, o romantismo surge com uma nova tendência que vinha para destronar o sistema absoluto reinante, uma nova maneira de escrita, com a tentativa de fugir dos traços ideológicos e científicos presentes e marcantes nos romances da época, como relata Schüler (2000) “fazendo-se poesia, o romance foge da rigidez do texto,

cientifico e do autoritarismo do discurso ideológico. O texto romanesco desdobra-se como espaço de experimentação”. (p. 19). De descobertas literárias, é nessa época que o romance ganha ares bem maiores, percorrendo e ganhando espaço entre a burguesia, o que disseminou e ganhou mais apreso e adesão diante das classes mais baixas.

Tendo isso em vista é interessante voltamos nosso olhar para o movimento modernista que surgiu no Brasil, (1922-1930) principalmente marcado pela semana de arte moderna de 22, um movimento artístico e literário, caracterizado pela primeira geração de artistas que queria implementar

uma nova estética, repleta de denuncias e criticas sociais, que era reprimida pelo governo, sendo esse controlador das rebeliões e dos grande protestos e manifestos contra o governo. Essa primeira fase é considerada a mais conturbada do modernismo brasileiro.

A segunda face (1930-1945) é caracterizada pela estabilização e consolidação do modernismo no Brasil, a escrita literária ganha ares de regionalismo e nacionalismo, tendo uma estabilidade e uma face para crescer e se desenvolver, principalmente sobre a prosa de ficção que ganha destaque nessa época.

Clarice é uma escritora da fase modernista no brasil ou fase pós-moderna, em sua terceira geração, ou “geração 45” o brasil já passava por uma reorganização democrática, com muito menos repressão que as gerações anteriores, o fim do estado novo, implantado por Getúlio Vargas em 1937, dava condições mais favoráveis as produções literárias, repletas de forte crítica social, divergindo em linhas regionalistas e urbanistas, Lispector seguindo a linha de prosa intimista, escreveu sobre ao ser humano, seu condicionamento perante a sociedade, suas questões psicológicas e subjetivas.

Tendo em vista as premissas básicas que são de total importância para se compor um romance e seu desenvolvimento, vários elementos são necessários para que a narrativa se desenvolva e conquiste o leitor do início ao fim, dentre esses aspectos, temos o enredo, personagem, tempo, espaço e o narrador , componentes importantes nessa estruturação, como relata Gancho “ toda narrativa se estrutura sobre os cinco elementos, sem os quais ela não existe”, são esses elementos que vão desencadear os acontecimentos que darão vida ao romance. Romance esse, que é marcado pela amplitude de fatos sociais e psicológicos, que demarcam bem a função narrador, nosso aspecto principal de análise no romance.

Assim sendo, narrador se caracteriza como o ser que vai desenrolando a narração, e ao longo do romance desencadeado os artifícios necessários para sua construção. Narrado geralmente em 3ª ou 1ª pessoa, é preciso frisar a distinção entre autor e narrador, como explica Junior (2009), “a primeira coisa que se deve saber sobre o narrador é que ele é uma categoria especifica de personagem, e não deve, portanto, ser confundido com o autor do texto” (P. 40). Ou seja, o autor por mais próximo que pareça estar perto do narrador, é ele uma simples figura externa, aquele que escreve o texto, enquanto o narrador que nasce de sua criação é o personagem responsável por envolver e desenvolver toda a trama.

Esse narrador é marcado por diversas características, mediante de como é exposto na narrativa, às figuras da primeira pessoa do discurso costumam demarcar um narrador participante, pois participa da trama, ele constrói e se introduz nos acontecimentos, geralmente é o personagem protagonista. E o narrador observador, que é marcado pela terceira pessoa do discurso, ele desenvolve a cena, sabe todos os acontecimentos, porém não se introduz na narrativa, ressaltando que diante da construção da diegese, casos extremos podem acontecer mudando essa formulação. Diante disso Junior (2009) apud Aguiar e Silva, comenta “a Aguiar e Silva lembra-nos de que o narrador cumpre a função de uma voz fundamental no texto narrativo” (p. 40). É ele quem vai fazer os direcionamentos dos elementos que dispõem uma diegese, ganhando características mediante a pessoa do discurso, tornando-se como exemplos, heterodiegético, autodiegético e etc.

**ANALISANDO AS NUANCES DO NARRADOR-PERSONAGEM G. H.**

Primeiro romance da autora escrito em primeira pessoa, “a paixão segundo G.H” é caracterizado pela presença de um narrador-personagem, que vem relatar a sua própria história, diante de uma reflexão psicológica sobre sua própria vida, e seu ser, trazendo um reflexo de suas atitudes e vivencias diante do mundo que é um sistema automatizado e programado, assumindo assim a função de Narrador protagonista, pois segundo Junior (2009) “esse foco narrativo caracteriza um narrador que narra necessariamente em 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimentos” (p. 42), nessa perspectiva, fica evidente a busca que a narradora identifica como G. H faz para se conhecer, e buscar o mais primitivo de seu ser, mediante a utilização da primeira pessoa do discurso na linguagem. Assim como relatada nessa passagem.

\_ \_ \_ \_ \_ \_ estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização. (PSGH, P. 09).

É perceptível a marcação da primeira pessoa nos verbos utilizados na escrita, que deixa claro a presença do narrador autodiegético, também a inquietação em suas palavras demarcando assim os aspectos psicológicos narrados por G. H, O uso dos travessões iniciais conotam a ideia de busca, uma procura de si mesma que a personagem faz para conhecer e entender seu verdadeiro papel no mundo. Iniciado em media res, a narradora inicia a trama relatando o fato ocorrido que a deixou repleta de pensamentos, inquietações e perturbações.

O narrador-personagem é representado por G. H, simples inicias que a levam a status de pessoa comum, sem estereótipos ou representações sociais. G. H vivi em uma cobertura do 13º andar de seu prédio, escultora e financeiramente estruturada, anda conforme o sistema social que a cerca, vivendo sobre regras e condutas, até certo momento quando despedindo sua emprega, tem o prazer de arrumar o quarto dos fundos onde à empregada dormia. Andando pelo corredor até o quarto, mal sabia que além do espaço, iria reorganizar sua vida.

Ao chegar ao quarto, grande decepção a assola, esperando encontrar um ambiente sujo, desorganizado e escuro, encara um ambiente iluminado, limpo e arrumado. Olhando para o lado, depara-se com a imagem desenhada a carvão de um homem e uma mulher nus e um cachorro, que a remetem ao seu eu, sua própria representação idealizada “pela empregada”, indignada e com ódio, a narradora olha para a escuridão de dentro do guarda roupa, onde aterrorizada se depara com uma barata, concretizando nesse momento o clímax psicológico da narrativa.

A personagem assume um monólogo interior metafórico, o encontro com a barata o mais íntimo de seus questionamentos sobre sua própria identidade vem a toda, questionando-se sobre sua vida, “quanto mais sabem de si menos vivem, e mais se exteriorizam. E tudo o que finalmente conhecem de se mesmas, já é uma imagem de um ser outro com que se defrontam”. (Nunes, 1989, p. 106). G. H já não se reconhece, questiona-se sobre sua vida e todos os acontecimentos, se vivera uma realidade, ou se podia confiar nelas, principalmente de sua identidade exterior, assumindo aqui o papel de narrador onisciente intruso, que descrito por Junior (2009) É como aquele narrador que sabe de tudo, e que questiona-se sobre a si próprio sobre os acontecimentos da narrativa. “a beleza, como a todo mundo, uma certa beleza era o meu objetivo? Eu vivia de beleza?” (APSG, P.30), questionava-se G.H, ao pensar sobre seu lugar no mundo defronte ao caos místico que se instalava em seu novo renascimento.

Nesse ponto, G. H é um reflexo consciente sobre uma consciência intencional, sua

condição está relacionada pelos seus atos, a consciência da descoberta do nada, se condicionava ao modo que enquanto humano livre e reflexivo, seria capaz de buscar o fluxo de si.

Para Sartre, uma vez que a consciência é intencional e consciente de si, o ser humano é livre e suas liberdades lhe é condicionada. É importante enfatizar que a apreensão desse estado só é possível em plano reflexivo. Por conseguinte que o homem compreende-se reflexivamente, como livre, ela se depara com seu nada, com seu devir incerto, com um futuro embebecido em possibilidades. Esta é a tensão no romance de Lispector: a angústia. G. H. é mobilizada pela angústia de reconhecer-se livre (MACEDO, 2014, p.132).

Sendo assim, o encontro com a liberdade, significou um encontro com a angústia, uma vez perdida de sua idealização anterior de persona, G. H. encontra-se perdida, a liberdade é um labirinto direcionado ao obscuro, a luz no fim do túnel, ainda não perceptível a angustiava, perder-se entre os corredores escuros, era angustiantemente doloroso e feliz, tendo que o nada era sua liberdade.

“perde alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna [...]. Não. Sei que ainda não estou sentindo livremente, que de novo penso porque tenho por objetivo achar – e que por segurança chamarei de achar o momento em que encontrar um meio de saída. Por que não tenho coragem de apenas achar um meio de entrada? Oh, sei que entrei, sim. Mas assustei-me porque não sei para onde dá essa entrada. E nunca antes eu me havia deixado levar, a menos que soubesse para o quê” (APSGH, p. 10).

A perda de sua terceira perna, ou de sua antes construída e idealizada concepção de ser, trouxe uma reflexão de liberdade, libertando-se do objetivo para o subjetivo, esperando encontrar uma saída, não programada e desconhecida, tornando o livre uma prisão do inconcebível, ser livre era sua angustia, sentir-se livre era a obscuridade do nada, um caminho a percorrer, desfazer-se de uma perna, era ir contra o instável, a caminho do incontrolável.

Com medo, sem conseguir gritar, G.H. sente a mudez tomar-se de conta, o silêncio e a impossibilidade de fala, a levavam cada vez mais ao primitivo, ao inicio, onde a mudez seria anterior à linguagem, seria o nada, por que é por meio da linguagem que as construções e as identidades se constituíam, segundo Sá (1979).

“O narrador sabe que para possuir as coisas é preciso nomeá-las. Mas a sua longa e original aprendizagem ensinou-lhes o paradoxo de que, apesar disso, a linguagem atrai o ser; porém ela é o único esforço do homem, o único modo de se atingir o que jamais se conseguiu dizer, isto é, o indivisível. O indivisível é, finalmente, a posse do silencio pela linguagem”. (p. 254).

E era esse nada que G.H precisava alcançar, era deixar tudo o que vivera para trás, era despir-se de se mesma, e vestisse de mudez, enfrentar o deserto do desconhecido, enfrentar a

dor, a angústia, o silêncio e a paixão, era chegar ao nada, enfrentar no semblante da barata o primitivo de onde ela vinha, um inseto que se perpetuou desde os primórdios. A barata se refletia nela. Segundo NUNES (1989) “o eu não se relaciona com um tu, mas com um ele que também é. A ação e paixão do sujeito, que se torna agente e paciente, a sua existência é a existência do outro que ele já é em si mesmo” (p. 73) Ambos partilham do mesmo ser do inexpressível, da reflexão de consciência, do nada, do primitivo do ser e da escuridão do

desconhecido, vivendo paralelamente a dor e a paixão.

A esse ponto do romance, é precioso ressaltar a função do narratário que é utilizada pelo narrador protagonista, estando perto do final, G .H pretende soltar a mão de um segundo personagem silencioso, que a acompanha por toda a trama, que não tem a função de protege-la mas de se encontra-se junto com ela.

Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém esta segurando minha mão. Oh pelo menos no começo, só no começo, logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão (p.16). [...] E eis a mão que eu segurava me abandonou. Não, não. Eu é que larguei a mão porque agora tenho que ir sozinha (Lispector, p. 123).

O narrador, trás a presença de seu leitor para o romance, essa mão é nossa, o encontro de G. H. com o nada, é uma trilha na qual nós andamos juntos com ela, tendo ao possa que a personagem tem medo de seguir sozinha, ela tenta nos levar ao nosso próprio intimo, a mãos dadas em conjunto formam um sistema pessoal de descoberta diante do reflexo e das reflexões de G. H. ao final chegando ao ínfimo do nada, G. H solta à mão do leitor, porque diante de todo processo psicológico, e da imensidão contemplativa do nada até seu renascimento pessoal, o renascimento é solidário, tanto G. H. quanto o leitor precisam encontra-se sozinhos, a alto descoberta é emancipadamente própria.

Chegando ao fim da análise, G. H, inquietasse com a massa branca que cobre as costas da barata presa no guarda-roupa, o nojo e o desejo de encontrar-se, a deixara em um conflito interno e perturbador, G. H. sabia quer seria preciso provar dessa massa, que representava o infinito do ser, do si em si mesma. E foi provando dessa massa, que ao momento que vomitava de nojo, mostrando a fragilidade da condição humana, com as náuseas de provar-se a si mesma, chegou à imanência do mundo, a epifania, a totalidade do nada, ao zero, não chegou ao ínfimo de Deus, no começo ela era o próprio Deus e tudo. “G. H. chegara ao irredutível, ao inexpressível [...] a desistência, o não-ser, o nada chegara a imanência total, na qual Deus o “eu” e o mundo são uma coisa só, chegara ao insosso da matéria, ao osso do ser. ( SÁ, 1979, p. 262). Chegando em tão a mudez da linguagem, agora livre,

um ser liberto, a plena e concisa obscuridade da claridade.

G. H. chegou ao nada, agora era preciso voltar ao real, ao concreto do mundo, porém não a mesma, não a de antes como relata Nunes (1978) “no entendo a personagem que retorna ao mundo, é e não é mais a mesma que fora quando dele foi apartada”. (p. 66). G. H. retornando ao real, defronta-se com o mesmo, o sempre e velho sistema que sistematiza e governa o mundo, porém ela, não era o antes, G. H. agora era ela mesma. “levada em êxtase a conhecer a nudez e o aniquilamento, G. H. bebe desse cálice” (NUNES, 1978, p. 64). Esse cálice que transcende entre o silencio e seu próprio ser, a redescoberta de sua persona, a dor como forma de condição reconstrutora e reveladora da mudez de sua paixão. “a condição humana é a paixão de Cristo.” (APSGH, p.182)

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos aspectos explorados na análise, fica clara a presença do narrador-personagem como figura central da obra, os entrelaces que o narrador faz para construir a narrativa, junto com os elementos teóricos que dão fundamentação para a explanação, demonstram um narrador protagonista, que edifica-se diante de seu próprio psicológico um emaranhado reflexivo de seu próprio reflexo social, dando condições para o narrador envolver-se e desenvolver-se durante todo o percurso, chegando a ser intruso, quando questiona-se várias vezes, e usando o recurso do narratário, quando coloca a presença do leitor no romance. Além de ressaltar toda a complexidade do psicológico que G. H. faz para a descoberta de si mesma, o defronte com a barata e com toda a falsa realidade que percorre no decorrer da trama.

Portanto é relevante considerar que esse artigo, apresenta uma breve análise descritiva e interpretativa sobre G. H. o narrador-personagem criada pela autora Clarice Lispector, bem como sua função de narrador e suas reflexões psicológicas. Observando que esse é apenas mais um ponto de vista a cerca do livro “a paixão segundo G. H”. no qual despertou o interesse para um maior aprofundamento de pesquisa, considerando os variados aspectos que a narrativa pode conter.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS**

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (ORG.).**Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporânea. 3a. ed. Mariná: Eduem, 2009.

GANCHO, Cândida. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 2002.

LISPECTOR, Clarice. A paixão Segundo G. H. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACEDO, Éder. **Dos limites da existência: o existencialismo em A Paixão Segundo G. H., de Clarice Lispector.** Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/103882> Acesso em 18 de maio de 2018.

NUNES, B**. O drama da linguagem: Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

SÁ, O. de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis, Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Tereza d'Avila, 1979.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do Romance**. São Paulo: Ática, 2000.